

Imagem da capa

The cover image

Claudio Marcio Gil Silva¹ 

Tudo começou pelo diálogo, mas com o que eu iria dialogar para desenvolver uma capa? O convite trouxe um desafio interessante, pois não foi sugerido um tema específico. Embora eu já conhecesse a revista e alguns dos seus conteúdos sobre economia criativa, eu me indagava no tocante a qual seria uma abordagem visualmente instigante e que pudesse trazer ao leitor algo mais do que uma interpretação da economia criativa por meio de uma imagem impactante. Algo que entregasse a ele uma pergunta, algo que o levasse a refletir ou pelo menos ter um pouco de curiosidade a respeito do que se trata o diálogo visual oferecido pelo *designer* em uma peça que muitas vezes tem o papel de ser a síntese de um produto recheado de visões diversas acerca de algum ou de vários temas.

Considero que ouvir o cliente é a estratégia mais poderosa que o *designer* tem para ser bem-sucedido em qualquer projeto que venha a realizar, mas nesse caso eu ouvi o cliente dizer que esperava algo meu, algo particular. Isso tornou a tarefa mais desafiadora, porque nesse momento eu precisei assumir todo o processo, desde um *autobriefing* (se é que isso é possível), passando pela pesquisa, desenvolvimento e finalização da peça. Como o projeto foi aceito de bom grado e de coração, o desafio tornou-se uma jornada prazerosa, pois eu tive a oportunidade de construir a trajetória com base em elementos muito conhecidos para mim, mas que nunca se comportam da mesma maneira ao navegar de uma página à outra. A escrita e a tipografia requerem precisão e disciplina, mas é nessa disciplina que encontramos a liberdade.

Em outubro de 2022, tive a oportunidade de visitar a Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP) e ter uma pequena conversa com os estudantes, falando um pouco de história da escrita e da minha trajetória como calígrafo e artista visual. O convite foi feito pelo professor Marcos Mello, que leciona tipografia naquela unidade e é também o diretor da Oficina Tipográfica São Paulo, uma casa de tipografia singular inserida na Escola de Artes Gráficas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) Theobaldo de Nigris, na Mooca, São Paulo. Naquele espaço a sensação é de estar vivendo em outro tempo; a história é resgatada de maquinários ancestrais, tão diferentes do padrão eletrônico / digital, predominante na indústria gráfica dos dias atuais no que tange às maneiras de se pensar e produzir impressos.

No dia seguinte à minha conversa com os estudantes da ESPM-SP, o professor Marcos Mello e eu tivemos o prazer de realizar um piloto de curso que estamos desenvolvendo há algum tempo e envolveu caligrafia e tipografia experimental com tipos móveis de madeira e metal. Um universo mágico, a meu ver. O curso contou com a presença de profissionais que são raros nos dias de hoje, por trabalharem com tecnologias de impressão ditas ultrapassadas, mas que são a origem de tudo o que é produzido nas linguagens digitais, além de carregarem um charme que somente as mentes dos artesãos são capazes de compreender.

¹Escola Superior de Propaganda e Marketing – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: claudio.gil@espm.br
Recebido em: 8/11/2022. Aceito em: 09/11/2022

Como cobaias, tivemos a felicidade de receber oito alunos na ESPM-Rio e alguns amigos calígrafos paulistanos e uma carioca. Não é possível narrar com muita precisão o que foi esse encontro; só quem esteve lá pôde sentir aquela atmosfera.

Entre as muitas experimentações gráficas realizadas naquele dia, eu posso dizer que tive a sorte de montar, com os estudantes, uma composição para ser impressa em uma máquina planocilíndrica fabricada em 1929. Utilizando alguns tipos de madeira e metal, essa impressão serviu de base para outras intervenções tipográficas que seriam feitas em outras máquinas menores e também intervenções feitas pelos calígrafos, com pincéis e uma variedade de marcadores e instrumentos de escrita e caligrafia, a fim de obter peças visuais únicas, apesar de oriundas de uma mesma matriz (Fig. 1A a D).



Fonte: elaborado pelo autor

Figuras 1. (A a D) Processo de elaboração da imagem da capa.

O que me refiro como sorte no parágrafo anterior foi o fato de ter fotografado a composição em tipos móveis que por acaso trazia um tipo móvel de madeira pintada de vermelho (preto e vermelho são cores clássicas utilizadas na tipografia e em manuscritos antigos). A matriz era uma letra D maiúscula posicionada na parte central da composição. Naquele momento, eu sequer tinha prestado atenção naquele detalhe, pois foi um experimento, uma tentativa que poderia dar certo ou não.

Dias depois, trabalhando nas possibilidades que eu tinha desenhado para a capa da revista, utilizando caligrafias de estilos diferentes para compor a imagem e selecionando algumas fotos do meu arquivo pessoal, aquela imagem apareceu na minha frente, única, precisa, determinada e com aquele D maiúsculo sorrindo para mim simpaticamente. Foi o momento da minha descoberta, a descoberta de um diálogo entre linguagens visuais produzidas pela mesma essência, a letra, o fundamento da comunicação escrita em duas faces distintas, o manual *versus* o mecânico. Apesar de ambas estarem fisicamente distantes de mim naquele momento, eu fui brindado com a possibilidade de uni-las mediante outra linguagem, a digital. E o diálogo continua...

Sobre o autor

Claudio Marcio Gil Silva: Mestre em Design (História do Design Brasileiro) pela ESDI / UERJ (2014).

